

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E
CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTAGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA-ESTUDO DE CASO.**

ANA DE FÁTIMA FERNANDES

ANÁPOLIS-GO
2010

ANA DE FÁTIMA FERNANDES

**RELATÓRIO DE ESTAGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA-ESTUDO DE CASO.**

Estudo de caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis, para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

ANÁPOLIS-GO
2010

ANA DE FÁTIMA FERNANDES

**RELATÓRIO DE ESTAGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL.
ESTUDO DE CASO.**

TCC apresentado á coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-Go, 02 de outubro de 2010.

APROVADA EM: ___ / ___ / ___ NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MS.Sueli de Paula
Orientadora

MS. Maria Inácia
Convidada

MS. Antonio Fernandes dos Anjos
Convidado

SUMÁRIO

1. Apresentação	05
2. Diagnóstico Psicopedagógico Clínica	07
2.1. Instrumentos Utilizados	
2.1.1. Anamnese	
2.1.2. Entrevista com cliente	
2.1.3. Provas do diagnóstico Operatório	
2.1.3.1. Provas de seriação com dez palitos graduados	08
2.1.3.2 Provas de classificação	
2.1.3.2.1 Prova de mudança de critério ou dicotomia	
2.1.3.2.1 Intersecção de classes ou quantificação da inclusão de classes	
2.1.3.3. Provas de conservação	
2.1.3.3.1. Prova de Conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos	
2.1.3.3.2. Prova de Conservação da quantidade de líquido	09
2.1.3.3.3. Prova de Conservação da quantidade de matéria	
2.1.3.4. Prova de Conservação da composição da quantidade de líquido	
2.1.4. Provas projetivas psicopedagógicas	
2.1.4.1. Eu e meus companheiros	
2.1.4.2. Família educativa	
2.1.4.3. Par Educativo	10
2.1.5. Provas Pedagógicas	
2.1.5.1. Provas pedagógicas língua portuguesa	
2.1.5.2. Provas pedagógicas matemática	
2.1.6. Entrevista com a professora	
2.1.7. Observação do material escolar	
2.1.8. Hora do jogo	11
2.1.9. Atividades Lúdicas	
2.1.10. Jogos de regras	
2.2. Análise dos instrumentos utilizados	12
2.2.1. Anamnese	
2.2.2. Entrevista com o cliente	13
2.2.3. Provas do diagnóstico operatório	
2.2.3.1. Prova de seriação	
2.2.3.2. Prova de classificação	
2.2.3.2.1. Mudança de critério ou dicotomia	
2.2.3.2.2 Intersecção de classe	
2.2.3.2.3 Quantificação da inclusão de classe	14
2.2.3.3. Prova de Conservação	
2.2.3.3.1 Prova de Conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos	
2.2.3.3.2 Prova de Conservação da quantidade de matéria	
2.2.3.3.3 Prova de Conservação da composição da quantidade de líquido	
2.2.4. Provas Projetivas Psicopedagógicas	15
2.2.4.1. Eu e Meus companheiros	
2.2.4.2. Família Educativa	
2.2.4.3. Par Educativo	16
2.2.5. Provas Pedagógicas	
2.2.5.1 Provas pedagógicas língua portuguesa	
2.2.5.1.1. Escrita	17

2.2.5.1.2 Linguagem oral	
2.2.5.1.3 Linguagem espontânea	18
2.2.5.2. Prova pedagógica de matemática	
2.2.6. Entrevista com a professora	
2.2.7. Observação do material escolar	19
2.2.8. Hora do jogo	
2.2.9. Atividade lúdica	20
2.2.10. Jogos de Regras	21
3. Hipótese diagnóstica	
4. Sugestões e encaminhamentos	22
4.1. Sugestões para a família	
4.2. Sugestões para a escola	
Conclusão	23
Referências Bibliográficas	24
ANEXO 1 - Roteiro de Anamnese	25
ANEXO 2 - Entrevista com o Cliente	34
ANEXO 3 - Prova Diagnóstica Operatória	36
ANEXO 4 - Provas Projetivas Psicopedagógicas	45
ANEXO 5 - Provas Pedagógicas	48
ANEXO 6 - Questionário para o Professor	55
ANEXO 7 - Observação do Material Escolar	58
ANEXO 8 - Ficha de Observações da Hora do Jogo	60
ANEXO 9 - Observação e Avaliação de Atividades Lúdicas	62

1. APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como origem o estágio supervisionado em psicopedagogia clínica, cujo objetivo é o diagnóstico psicopedagógico clínico de uma criança.

Desde a década de 80 a psicopedagoga tem se estruturado e se transformado em uma nova área do conhecimento com uma larga visão do processo e dos problemas de aprendizagem. Nesta teoria busca-se compreender a aprendizagem humana, nas suas diversas facetas, trabalhando com a prevenção do problema, na terapia desses distúrbios e na pesquisa.

A psicopedagogia busca uma compreensão mais global do fenômeno da aprendizagem humana. A sua prática se desenvolve no nível da prevenção de problemas escolares, na terapia de distúrbios de aprendizagem e na pesquisa psicopedagógica.

Na Psicopedagogia Clínica objetiva detectar as condições inadequadas de aprendizagem, no indivíduo, e dotá-lo de condições para perceber seu potencial, redimensionando-o para os aspectos: cognitivo, afetivo-emocional e de conteúdos acadêmicos, para que os mesmos sejam resgatados.

Cabe destacar que cada área avaliada necessita de recursos, provas e testes específicos. Em geral, no diagnóstico clínico, além de entrevistas e anamnese são utilizados, provas do diagnóstico operatório, Provas de seriação com dez palitos graduados, Provas de classificação: Prova de mudança de critério ou dicotomia, Intersecção de classes ou quantificação da inclusão das classes; Provas de conservação: Provas de conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, Provas de conservação da quantidade de líquido, Prova de conservação da quantidade de matéria, Prova de conservação da composição da quantidade de líquido; Provas projetivas psicopedagógicas; Eu e meus companheiros, Família educativa, Par educativo; Provas pedagógicas: Provas pedagógicas língua portuguesa, Provas pedagógicas matemática; Entrevista com a professora; Observação do material escolar; Hora do jogo; Atividades Lúdicas e Jogos de regras.

Busca-se um caráter interdisciplinar na psicopedagogia. O psicopedagogo pode atuar em duas áreas, psicopedagogia Institucional e psicopedagogia Clínica.

A psicopedagoga Clínica, área de estudo deste relatório, busca compreensão integral dos processos que interferem na aprendizagem, a exemplo dos processos cognitivos, emocionais, etc que possibilitam o resgate da aprendizagem e a integração entre pais e todos especialistas que transitam ao universo educacional do aluno.

Na relação com o aluno, o psicopedagogo estabelece uma investigação cautelosa, capaz de levantar estratégias que criam situações terapêuticas mais adequadas para a aprendizagem.

Durante o estágio realizado no período de junho a setembro de 2010, foram realizadas dez seções de diagnóstico, e atendido o menino John, com sete anos de idade, cursando a segunda série do Ensino Fundamental. Esse paciente foi indicado para o diagnóstico psicopedagógico com a queixa familiar “não sabe ler e nem escrever e é preguiçoso”, feita pela avó, e com a queixa escolar “de não ler e não escrever”, feita pela professora.

Weiss (2008, pg. 29) afirma com categoria que:

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação ao uma conduta esperada será, portanto, o esclarecimento de uma queixa do próprio sujeito, da família e, da maioria das vezes, da escola. No caso, trata-se do não – aprender, do aprender com dificuldade, ou lentamente, do não-revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possíveis aprendizagens.

Na concepção da autora, no diagnóstico psicopedagógico não se pretende categorizar o paciente, o que se pretende é compreender de maneira integral a sua aprendizagem e os seus desvios durante o processo. Assim, buscam-se conhecimentos teóricos e práticos que possibilitam levantar hipóteses que serão trabalhadas ao longo do processo investigativo.

Vale ressaltar, para concluir essa introdução que no diagnóstico psicopedagógico não se pretende categorizar o paciente, o que se pretende é compreender de maneira integral a sua aprendizagem e os seus desvios durante o processo. Assim, buscam-se conhecimentos teóricos e práticos que possibilitam levantar hipóteses que serão trabalhadas ao longo do processo investigativo.

2. DIAGNÓSTICO PSICOPDAGÓGICO CLÍNICA

2.1. Instrumentos Utilizados

2.1.1. Anamnese:

Anamnese é uma entrevista realizada com um paciente na intenção de diagnosticar uma doença e todos os fatos relacionados a mesma . Em outras palavras, é um dos pontos chave de um diagnóstico bem feito, porque integra o passado, o presente e o futuro paciente. Na visão de Weiss, (2008) a anamnese é ponto essencial para se fazer um bom diagnóstico..

2.1.2. Entrevista com cliente:

Essa metodologia, na visão de Visca (1997) é dirigida de forma experimental, intenciona que o sujeito construa espontaneamente a entrevista para que sejam analisados seus conhecimentos e atitudes expressas.

2.1.3. Provas do diagnóstico Operatório:

As provas de diagnóstico operatório, exemplificadas neste relatório acompanham as idéias de Mac Donell (1994).

As provas de diagnóstico operatório podem determinar o grau de aquisição do desenvolvimento cognitivo. Algumas dessas provas dedicam-se à noção de quantidade e sua conservação e, outras, dedicam-se à classes e às relações.

O grau de construção que a criança consegue atingir, considerando a relação em cada uma das noções estabelecidas, refere-se ao grau de estrutura operatória predominante nas etapas do desenvolvimento, o que permite pontuar a possibilidade de detectar o nível de pensamento operante da criança, no momento requerido.

2.1.3.1. Provas de seriação com dez palitos graduados:

As provas que se seguem, são apresentadas de acordo com os fundamentos teóricos de MacDonell. (1994)

A construção de uma serie é mais fácil que a inserção de um novo elemento e também nos é conhecido que a possibilidade de intercalar um elemento é uma conduta que é atingida sem dificuldade quando se possui um esquema operatório.

2.1.3.2 Provas de classificação:

Indagam o domínio da criança a respeito desta noção. As 3 provas de classificação repousam sobre uma estrutura afim, ainda que se refiram a diversos conteúdos.

2.1.3.2.1 Prova de mudança de critério ou dicotomia:

Esta prova de mudança de critério ou dicotomia permite à criança melhor compreensão das consignas facilitando a operações com as fichas; além disso, possibilita economia de tempo e entendimento evolutivo das condutas do sujeito.

2.1.3.2.1 Intersecção de classes ou quantificação da inclusão de classes:

Nesta prova se investiga, no manejo das classes, a intensidade das operações, no que diz respeito às relações lógicas no manejo das classes.

2.1.3.3. Provas de conservação:

A prova de conservação permite assumir a identidade de um objeto sem comprometer sua quantidade.

2.1.3.3.1. Prova de Conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos:

E a prova das fichas. Nessa prova estuda a possível preservação de equivalência numérica partindo-se de uma correspondência termo a termo.

2.1.3.3.2. Prova de Conservação da quantidade de líquido:

Nesta prova a criança deve, através do processo da síntese, encontrar por si mesma, a solução.

2.1.3.3.3. Prova de Conservação da quantidade de matéria:

E a prova correlativa a c.2, mas que utiliza um novo conteúdo com relação ao material.

2.1.3.4. Prova de Conservação da composição da quantidade de líquido:

Na prova de conservação a criança procura encontrar a solução por meio do processo de síntese.

2.1.4. Provas projetivas psicopedagógicas:

As provas projetivas, para Pain, (1985) evidenciam as partes do sujeito depositadas nos objetos que se tornam suportes da identificação atuante de uma instrução que obriga o sujeito a representar – se situações estereotipadas e carregadas emotivamente. O exame das provas projetivas permitirá, em geral, avaliar a capacidade do pensamento para construir, no relato ou no desenho, uma organização suficientemente coerente e harmoniosa como para veicular e elaborar a emoção

2.1.4.1. Eu e meus companheiros:

O objetivo desta prova para Visca (1995) é estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe.

2.1.4.2. Família educativa:

A prova projetiva psicopedagógica, família educativa visa entender, de acordo com Visca (1985) o vínculo de aprendizagem com os integrantes da família, e investigar o modelo de aprendizagem que o entrevistado e sua família transmitem.

2.1.4.3. Par Educativo:

Esta prova consiste, para Visca (1985), numa investigação dos vínculos da aprendizagem num estudo onde se expõe os resultados obtidos em uma investigação.

2.1.5. Provas Pedagógicas:

As provas pedagógicas consistem, para Weiss (2008) no uso de material que posicionará o sujeito dentro de diferentes níveis de uma escala de produtos de sala de aula, resultando na repetição da própria “queixa”.

2.1.5.1. Provas pedagógicas língua portuguesa:

Esta prova, para Weiss (2008) consiste em usar situações em que o ato de ler e escrever tem um significado para o paciente.

2.1.5.2. Provas pedagógicas matemática:

Esta prova, para Weiss (2008) visa analisar o raciocínio matemático, o cálculo, a leitura de problemas e questões para se certificar de uma possível queixa de dificuldade geral na aprendizagem.

2.1.6. Entrevista com a professora:

A entrevista com a professora objetiva, na visão de Pain (2009), analisar o sintoma e entender por que a criança não aprende.

2.1.7. Observação do material escolar:

Na concepção de Cunha (2010), a observação dos materiais escolares é um instrumento que ajuda compreender a aproximação do sujeito com os conteúdos escolares e tem como objetivo as produções, o tipo de trabalho realizado, erros mais frequentes e também as facilidades. Tais instrumentos visam o trabalho real que se realiza na escola e na sala de aula.

2.1.8. Hora do jogo:

A hora de jogo permite observar a dinâmica da aprendizagem. Este momento recupera o prazer de aprender e possibilita segundo Fernández (2001), analisar o significado do aprender, bem como, compreender alguns dos processos que podem ter levado à instalação de alguma patologia no aprender, observar o processo de construção do símbolo, e observar a aptidão da criança para criar, refletir, imaginar, fazer notar e produzir um objeto.

2.1.9. Atividades Lúdicas:

A atividade lúdica tem extrema importância na psicopedagogia porque influencia o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança. A partir do ponto de vista evolutivo, a atividade lúdica inclui o jogo, a imitação e a linguagem, e através desses três aspectos a criança consegue expressar seus sentimentos em relação ao mundo social, e esse ato desperta a criança para o desempenho de papéis sociais e para a compreensão do funcionamento do mundo e da sua realidade.

Na concepção de Pain, (1985, p.50) “O exercício de todas as funções semióticas que supõe a atividade lúdica possibilita uma aprendizagem adequada na medida em que é por meio dela que se constroem os códigos simbólicos.”

Através das atividades lúdicas a criança consegue adquirir conhecimento, superar limitações e desenvolver-se como indivíduo. O lúdico enquanto recurso psicopedagógico poderá oportunizar ao educador e ao educando, importantes momentos de aprendizagens em múltiplos aspectos.

2.1.10. Jogos de regras:

Os jogos de regras podem ser um poderoso instrumento no diagnóstico psicopedagógico e podem provocar no jogador entusiasmo, interesse, motivação, gosto, envolvimento e prazer. Além disso, as situações que surgem durante o jogo possibilitam analisar como são expressos esses sentimentos pela criança e como a

mesma compreende e apreende as regras desse jogo. É possível observar também, o grau de paciência e persistência e, o nível de tolerância e intolerância ao sucesso e ao insucesso. Esses dados são juntados ao conjunto obtidos para uma melhor compreensão diagnóstica.

Na visão de FERNANDEZ, (2001) jogando, a criança correlaciona as idéias e a função corporal. A criança pode sentir prazer no ato de agredir, mas isso traz dano contra alguém, e ela precisa enfrentar essa complicação

2.2. Análise dos instrumentos utilizados:

2.2.1. Anamnese

No relato feito pela mãe e a avó de J, ambas afirmam que ele tem dificuldades na leitura e na escrita causada por preguiça, e que é desobediente e agressivo, e isto vem acontecendo desde a chegada da mãe, que morava em outra cidade. Ambas relatam também que J é filho de gravidez com brigas familiares; foi também uma criança raquítica, e que atualmente reclamava de muita dor de cabeça (não sabe se apresenta alguma patologia), que é nervoso e agitado.

A avó afirma que apesar da dificuldade do menino na aprendizagem, ele gosta de ir à escola, e gosta muito de brincar e assistir televisão. Para ela o uso de drogas pela mãe é o que vem afetando a sua aprendizagem.

O relato da mãe e avó de J encontra respaldo na fala de Chamat (1997, p.92) quando diz que:

Sabe-se que a capacidade de tolerância a frustração e a dor constituem-se fatores determinantes do pensar, pois a criança ao desenvolver certo nível de tolerância materna e familiar, estará apta, futuramente, a suportar e a enfrentar o medo à confusão ao desequilíbrio e ao conflito.

Pode-se perceber que J é filho de uma família desestruturada, e os conflitos que nascem a partir dos desentendimentos gerados na família, alteram seu desempenho e afetam sua aprendizagem.

2.2.2. Entrevista com o cliente:

A entrevista com a criança se fundamentou nas concepções de Fernández (1990), e foi importante para visualizar a visão da mãe juntamente, e separadamente da ação do filho, para a qual o menino demonstra tímido, tendo dificuldades em compreender o que estava acontecendo, mas logo assimilou e relatou que gosta de brincar e assistir televisão. Falava muito sobre sua irmã e sua avó. Afirma que gosta de ir à escola, mas não lê, só fica vendo as letras.

2.2.3. Provas do diagnóstico operatório

2.2.3.1. Prova de seriação:

As provas de diagnóstico operatório são fundamentadas na teoria de Mac Donell (1994).

Na prova de seriação as respostas de J são compatíveis com “resposta de nível 3”, pois consegue a seriação, utilizando um método sistemático, que consiste em buscar, primeiramente, entre todos os elementos, o menor, depois o menor entre os que restam até completar a série, J consegue a inclusão de um elemento ausente ou a inclusão de outros elementos.

2.2.3.2. Prova de classificação:

2.2.3.2.1. Mudança de critério ou dicotomia:

Na prova de classificação: mudança de critério ou dicotomia, as respostas de J são compatíveis com “resposta de nível 1”, porque consegue agrupar as fichas, considerando um elemento com o outro, reconhecendo o igual e o diferente entre as fichas, mas não tendo a relação simultânea de cada ficha com as demais, e essa limitação não o permite chegar à classificação de todas seguindo um mesmo critério.

2.2.3.2.2 Intersecção de classe:

Na prova de classificação intersecção de classe, as respostas de J são compatíveis com “resposta de nível 1”, Intuitivo global, pois é capaz de acertar

perguntas que recaem sobre as classes não relacionadas, mas não pode compreender as perguntas referentes à inclusão e à intersecção.

2.2.3.2.3 Quantificação da inclusão de classe:

Na prova de inclusão de classe as respostas de J são compatíveis com “resposta de nível 3 porque consegue responder corretamente a todas as perguntas ainda que, às vezes, observa-se dúvidas e estranhezas no primeiro enunciado da pergunta de número um.

2.2.3.3. Prova de Conservação:

2.2.3.3.1 Prova de Conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos:

Na prova de conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, as respostas de J são compatíveis com “resposta de nível 3”, haja vista conseguir fazer a correspondência e manter a conservação. Ao alcançar esta etapa, ele consegue nas situações da prova, juízos estáveis de conservação que são justificados.

2.2.3.3.2 Prova de Conservação da quantidade de matéria:

Na prova de Conservação da quantidade de matéria às respostas de J são compatíveis com “resposta de nível 1”, corresponde à etapa intuitiva global, pois, ora mantém seu juízo, ora alega que uma tem maior quantidade. Quando a igualdade inicial é lembrada, não há mudança no juízo do menino.

2.2.3.3.3 Prova de Conservação da composição da quantidade de líquido:

Na prova de Conservação da composição da quantidade de líquido, as respostas de J são compatíveis com “resposta de nível 2,” isto é, condutas de um nível intuitivo articulado, pois estabelecido níveis iguais, ele julga que a quantidade é maior no copo e, acredita que a quantidade será então maior.

2.2.4. Provas Projetivas Psicopedagógicas:

2.2.4.1. Eu e Meus companheiros:

O tamanho total do desenho corresponde à presença de um maior peso na rede vincular.

O tamanho dos personagens destaca valorização, o fato de considerar o colega uma modelo de identificação, desejo de possuir sua amizade e o de ser aceito.

A posição dos personagens apresenta o entrevistado no meio, e o grupo separado e distante uns dos outros – falta integração no grupo.

O caráter completivo do desenho indica um menor vínculo ou pior com estes. Indica um vínculo negativo e indiscriminado, como um perseguidor e, quando é indiscriminado ele existe uma notória dificuldade para distingui-lo do plano do ensino-aprendizagem e das relações de amizade. Isso demonstra uma boa iteração, porém tanto ele quanto os colegas são representados, graficamente, apenas pelas cabeças, o que representa um vínculo maior de forma negativa com a aprendizagem e com os companheiros

2.2.4.2. Família Educativa:

J representa a atividade que cada um sabe fazer em casa e, algumas vezes, fora dela. Os objetos com que realiza as atividades constitui num claro indicador de grau de conhecimento que possui, não os deixando bem detalhados ao representar.

O sexo fica claro, mas a idade fica confusa. As pessoas desenhadas realizando um determinado trabalho são seus progenitores: avó, irmã, tio e mãe, com quem, por uma parte, existe um vínculo afetivo mais relacionado com a aprendizagem, existe no sujeito um vínculo negativo de aprendizagem..

J representou sua família apenas pela figura da cabeça, sendo primeiro do seu tio, o segundo sua mãe, o terceiro sua irmã, o quarto, ele mesmo, e o quinto

sua avó. Representou os fazeres de cada um, sendo que todos trabalham; só ele assiste TV, só faz algo a pedido de sua avó. Relata muito sobre sua avó e sua irmã, parece ser o que mais faz coisas. Quanto ao aprendizado, afirma que quem ensina é só sua avó.

J relaciona com todos e tem um vínculo positivo de aprendizagem em relação aos desenhos, mas no relato, há um preconceito de sua irmã, quando diz: pois não é coisa de mulher fazer é coisa de homem fazer.

Mostra um vínculo de aprendizagem doméstica e educacional positivo com a avó, e com os demais apresenta um vínculo negativo nos afazeres do lar e da escola.

2.2.4.3. Par Educativo:

J fez os desenhos lado a lado, que significa vínculo de aprendizagem regular. Professor ausente, pois, isto indica que ele está rejeitado pelo professor.

O desenho se encontra pequeno ao lado inferior direito da folha significando que não há um vínculo importante com o ensinante.

Ele supervaloriza o intelectual, que por sua vez, se torna persecutório ao se desenhar, quem ensina e aprende só a cabeça.

Quem aprende e quem ensina “Gustavo e eu”.

Gustavo estava indo para ajudá-lo, em sala de aula, no desenho representado pela cabeça com J sentado atrás da mesa escolar. O desenho está representado pelo aprendiz e ensinante, um colega de sala, ausente do objeto de conhecimento, e estando em uma cena improdutiva com o professor, longe do aluno, que leva a pensar num vínculo de aprendizagem negativa.

Portanto o vínculo de aprendizagem de J, com o objeto de aprendizagem é negativo, tendo um sentimento de desvalorização de que aprende.

2.2.5. Provas Pedagógicas:

2.2.5.1 Provas pedagógicas língua portuguesa.

J só conhece algumas sílabas simples, portanto não segue a frase, demonstra lentidão com dispersão, pois como ele diz: “só olha as letras”.

Não se percebe o vínculo do sujeito com o objeto, pois não identifica todas as letras do alfabeto. J tem uma boa diferenciação entre letras, é uma criança que não apresenta dificuldade de dicção.

Para realizar uma atividade depende de que alguém faça a leitura para que ele possa compreender o que deve ser realizado. Ele não consegue ler convencionalmente.

Ferreiro (2001 p16) afirma com propriedade:

As conseqüências desta última dicotomia se exprime em termos ainda mais dramáticos: se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida com a aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja em uma aprendizagem conceitual.

2.2.5.1.1. Escrita

J tem uma escrita legível, por tanto há um vínculo com o objeto de conhecimento. Na escrita é bem distinta as letras dos números, mas não escreve todas as letras com uma só forma; escreve cursiva, misturada com caixa alta.

J tem uma escrita com omissões e trocas de letras. Ele é destro, segura o lápis normal, gosta de colocar os pés na cadeira e apoiar os braços na mesa, fazendo assim uma escrita grande e acalcada.

Este tipo de escrita, é considerada acréscimo de letras ou omissões das mesmas, de acordo com alguns especialistas, entre eles Ferreiro (2001), do ponto de vista do sujeito em desenvolvimento.

2.2.5.1.2 Linguagem oral

J é uma criança que expressa suas idéias e pensamentos com clareza, relata algumas coisas de sua vivência, às vezes meio sem nexos, com um vocabulário restrito, com algumas omissões e troca na fala, com a linguagem que possui, constrói suas próprias definições.

Uma maneira nova de observar e auxiliar a criança e analisar o uso que faz da linguagem é dar a ela condições relacionadas à situação para que ela mesma organize suas idéias e encontre solução para os problemas.

2.2.5.1.3 Linguagem espontânea

J tem uma seqüência lógica de pensamento, às vezes oscila troca e omite algumas letras. Ele tem facilidade em comunicar com as pessoas, tem um ritmo moderado ao falar, às vezes usa tom baixo, procura responder o que lhe perguntam de forma mais simples. Quanto a verbalização não percebe alteração.

Na visão de Bossa e Oliveira (2008) Tudo aquilo que tiver significado para a criança. Ela compreenderá e expressará oralmente.

2.2.5.2. Prova pedagógica de matemática

J realiza as operações de matemática obedecendo à direção espacial, possui raciocínio lógico, sendo bem esperto no uso do material concreto, tem uma boa noção temporal e espacial nas operações.

Conforme BOSSA E OLIVEIRA, 2008 (pg.107):

O conhecimento lógico-matemático consiste na compreensão das relações existentes entre os objetos e a criança irá estabelecer essas relações através de suas ações sobre os objetos: o número não é uma propriedade dos objetos, mas um produto das ações da criança sobre coleções de objetos. Somente após tais experiências a criança poderá usar palavras e estruturas frasais para se referir às qualidades e às relações.

2.2.6. Entrevista com a professora

Para a professora, J é um aluno com leitura e escrita muito lenta, esta na fase silábica simples, tanto na escrita quanto na leitura, tem dificuldade nos traçados de algumas letras, brinca muito, só faz tarefa se for pressionado e se fecha criando um mundo só dele. Tem dificuldades de socialização com os colegas de seu nível escolar. É muito carente nos sentidos financeiro e afetivo.

As suas características mais visíveis são a passividade, a dependência, o medo, e o seu desligamento.

J é percebido pela professora como um aluno desligado, que não se interessa em aprender.

Na visão de Fernández (1990) O docente não é bem visto pelo sistema, mas quando ele é ouvido possibilita a abertura de possibilidades que poderá melhorar o vínculo professor-aluno.

Nota-se que o vínculo professor-aluno não existe entre J e sua professora, o que também contribui com o fracasso na sua aprendizagem.

2.2.7. Observação do material escolar

J tem um bom vínculo com o instrumento de conhecimento, só não procura usá-lo corretamente. Pode-se observar que o método usado pela professora é tradicional, com uma estrutura de pensamento misturado, atual e mecânico e com atividades variadas. O sujeito apresenta um nível adequado ao ano escolar e a idade, só que com lentidão, deixando de concluir as atividades, não há progresso na escrita que continua grande acalçada.

Há escrita de bilhetes no caderno reprimindo, com má correção, às vezes, sem auxiliar ao aluno. É visível a relação de dependência escolar.

2.2.8. Hora do jogo

Utilizada para compreender alguns processos que podem ter levado à gestação de uma patologia no aprender.

Apresentei a caixa fechada, e J perguntou se poderia abri-la. Demonstrando curiosidade, explorou todos os materiais e objetos, pegou a massa de modelar e brincou, fazendo uma cesta com frutas. Depois utilizou os blocos de montar e montou carrinhos, afirmando que quando crescesse queria ter muitos

carros. Perguntou se podia ficar com a massa de modelar e se poderia recortar os papéis. Não construiu nenhuma história utilizando o material, demonstrando não ter aptidão para criar, refletir e produzir.

Na hora do jogo é preciso observar também o tipo de atitude em relação à aprendizagem escolar, para explorar as possibilidades de se realizar ou não, tarefas que se remetem à ela. J não demonstrou essa relação, em nenhum momento utilizou materiais que se referissem à aprendizagem escolar.

2.2.9. Atividade lúdica

Dobradura: Tulipa

Objetivo: desenvolver habilidades de interagir com o meio.

J seguiu os passos normalmente para realização da dobradura, só na hora do caule é que teve um pouco de dificuldade, repetiu várias vezes a questão de dobrar e rasgar o papel.; Usou a unha vincando a lateral da carteira para tirar o excesso, até que resolveu deixar. Observa-se que tem dificuldade em dividir papel sem um objetivo cortante.

Quebra cabeça

Objetivo: respeitar limites e despertar a criatividade.

Ao receber o material, lápis de cor, tesoura, cola, papel xerocopiado tratou logo de pintar sem ter uma postura só na pintura ficando com riscos cruzados, também J não tem uma boa coordenação no manuseio da tesoura, ao colar passou cola em excesso, mas conseguiu montar a figura não com uma pela perfeição.

Quebra cabeça com peças.

Objetivo: despertar a criatividade e manusear os blocos

J conseguiu montar um trem de ferro, sendo que teve muita dificuldade em usar todas as peças disponíveis no jogo.

Formação de palavras com blocos de madeira

Objetivo: despertar interesse para a leitura e escrita

Como J não conhece todas as letras, isto e o alfabeto, teve um pouco de dificuldade, formando assim só três palavras corretas usando sílabas sim

2.2.10. Jogos de Regras

Os Jogos de Regras podem provocar no jogador entusiasmo, interesse, motivação, envolvimento, gosto e prazer.

Para FERNÁNDEZ (1990, p. 67):

É no jogo que a criança relaciona as idéias com a função corporal. A agressão pode ser prazerosa mais inevitavelmente conduz consigo um dano real imaginário contra alguém, de modo que a criança não pode deixar de enfrentar essa complicação... enfrenta-a desde a origem quando aceita a disciplina de expressar o sentimento agressivo sob a forma de jogo e não simplesmente quando está aborrecido.

No jogo, a criança é capaz de relacionar idéia e função e temor objetivo desenvolver potencialidades nas áreas cognitivas e psicomotoras, saber sentir e praticar. Foram utilizados vários jogos de regras como: dominó, dama, pega-vareta, cara-cara.

J demonstra interesse em aprender o jogo e obedece as regras embora preferisse jogar com o que tinha mais domínio, quando não era o vencedor queria jogar novamente.

Percebe-se que jogar em grupo seguindo as regras é uma maneira de centralizar o aproveitamento dos impulsos extraíndo proveitos e podendo assim controlar a razão sem perder o controle. A cada sessão de jogo pude notar que J consegue aceitar melhor as regras e compreender que nem sempre se ganha.

3. Hipótese diagnóstica

Após a análise dos dados pode-se afirmar que Jhon apresenta problema de aprendizagem, sintoma que elude e alude, evita e refere transação entre instâncias repressoras e reprimidas que não resolve o conflito, transação entre uma instância que reprime e uma que luta para não ser reprimida.

A modalidade de aprendizagem apresentada por J é hipoassimilação – hipoacomodação, que de acordo com Fernández (1990 p. 115): “O sintoma em geral

gera-se em uma situação que não permite reconhecer a existência, do segredo. Família que não permitem revelar o segredo, mas que reconhecem sua existência, geram outro tipo de sintoma, mas não necessariamente na aprendizagem”.

4. Sugestões e encaminhamentos:

4.1. Sugestões para a família

- Favorecer a aproximação da aprendizagem formal por meio da ressignificação de sua representação (valorizar como importante);
- Favorecer a tolerância a frustração, perseverança e aprofundamento;
- Estabelecer regras claras e objetivas em casa. Cuidar para que tais regras sejam cumpridas, retomando-as e explicando-as sempre;
- Orientar para que execute suas atividades por completo. Quando abandoná-las ou executá-las de modo inacabado, orientá-lo para terminá-las ou melhorá-las;
- Estabelecer rotinas para atividades da vida cotidiana e atividades escolares;
- Oportunizar o acesso a diferentes materiais escritos (gibi, revistas, livros, jornal.).

4.2. Sugestões para a escola:

- Atendimento psicopedagógico para fazer o acompanhamento de J;
- Conscientização dos pais sobre a responsabilidade na educação e acompanhamento escolar dos filhos, pois a ausência da família pode ser considerada causa de dificuldade na aprendizagem;
- Aulas diferenciadas com metodologias inovadoras que procurem atender os alunos com dificuldades de aprendizagem.

CONCLUSÃO

Com este estudo observa-se a importância do estágio supervisionado para uma boa orientação. Pode-se detectar na avaliação psicopedagógica as queixas apresentadas pela família, pela escola e pela professora, servindo como suporte para formação psicopedagógica, buscando a identificação dos obstáculos e os elementos facilitadores do desenvolvimento da aprendizagem do sujeito.

No caso de J, diferentes fatores justificam o quadro do fracasso escolar. O mérito da análise está em compreender esses fatores para evidenciar a importância do psicopedagogo, que além de diagnosticar os problemas e as dificuldades, interpreta e compreende a sua intensidade, para as intervenções específicas e as alternativas de se lidar com o processo de aprendizagem no âmbito da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, Nadia Aparecida; OLIVEIRA, Vera Barros de. **Avaliação psicopedagógica da criança de sete a doze anos**. 16 ed. Petropolis: Vozes, 2008.

CUNHA, Sueli P. **Diagnóstico Psicopedagógico da Instituição Educativa**: In Revista Psicopedagógica, V.18 nº 48. ABPp. São Paulo: Lemos. Salesianos, 2010..

CHAMAT, Leila Sara José. **Relações vinculares e aprendizagem: um enfoque psicopedagógico** São Paulo: Vetor 1997.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MAC DONELL, Juan José Conte. **Manual provas de Diagnóstico Operatório C.E.** M: Buenos Aires, 1979.

PAIN, Sara. **Subjetividade e objetividade: relação entre o desejo e o conhecimento**. São Paulo: Cevec, 1996.

VISCA, Jorge. **Técnicas projetivas psicopedagógicas**. Buenos Aires. Ag. Serv. G, 1995.

WEISS, Maria Lúcia. **Psicopedagogia Clínica. Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 13 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ANEXO 1
Anamnese
Roteiro de Anamnese

Quem trouxe a criança: Encaminhada pela escola

Grau de Parentesco: Mãe e Avó

1. Identificação

Nome: J

Apelido:

Idade: sete anos Sexo: Masculino

2. Dados Familiares:

Nome do pai: W.

Grau de instrução: Não estudou Profissão: Pedreiro

Nome da mãe: M./ Avó: C.

Grau de instrução: 3º série/8º série Profissão: Doméstica/Doméstica

Idade: 23/53 Naturalidade: Mato Grosso/Anápolis

Religião dos pais: Católica/Católica

Outros Filhos

Nome: M. (Netos)

Idade: dez anos Escolaridade: 3º ano

3. Queixa ou motivo da consulta

Resp. Dificuldade na leitura tem preguiça de escrever, e é desobediente e agressivo.

Desde quando tem problema?

Resp. 1º ano, desde o início do ano, com a chegada da mãe.

Já procurou outros especialistas? Quais?

Resp. Não levou muito ao medico, pois era raquítico e usou muito multi-mistura, peso abaixo da média.

Está fazendo algum tratamento médico, psiquiátrico ou neurológico?

Resp. Não

Por quê? XXXXXXXX

Quem indicou a clínica? XXXXXXXX

4. Antecedentes Pessoais

4.1 Gestação

Fez alguma transfusão durante a gravidez?

Resp. Não

Quando sentiu a criança se mexer?

Resp. Com dois meses

Levou algum tombo?

Resp. Levou. Caiu de joelho com muita força

Doença na gestação:

Resp. Não

Condições de saúde da mãe durante a gravidez:

Resp. Boa, normal. Alimentava bem e não reclamava.

Condições emocionais:

Resp. Sim

Houve algum episódio marcante durante a gravidez?

Resp. A irmã adoeceu e quase teve ele prematuro, briga com a sogra, o marido bebia. Ela passou muita raiva.

4.2 Condições de nascimento

Nasceu de quantos meses?

Resp. Nove meses

Com quantos quilos?

Resp. 4.840 g

Comprimento:

Resp. 52 cm

Desenvolvimento do parto:

Resp. Cesário

Prematuro?

Resp. Não

A termo?

Resp. Sim

4.3 Primeiras Reações

Chorou logo?

Resp. Sim, chorou.

Ficou vermelho demais?

Resp. Sim

Por quanto tempo?

Resp. Por 15 a 16 minutos

Ficou preto?

Resp. Não

Precisou de oxigênio?

Resp. Não

Ficou icterico (amarelado, esverdeado)?

Resp. Não

5. Desenvolvimento

5.1 Saúde

A criança sofreu algum acidente ou se submeteu a alguma cirurgia?

Resp. Já caiu de ponta no chão, não precisou fazer cirurgia com dois anos. Aos seis anos caiu do pé de árvore e quebrou o braço no punho e, um pouco acima do punho.

Possui reações alérgicas?

Resp. Sim, incha a testa, reclamando de dor de cabeça, tem alergia a dipirona, abaixa a pressão, vomita.

Tem bronquite ou asma?

Resp. Não

Apresenta problemas de visão?

Resp. Não. A avó acha que tem problema de vista.

E de audição?

Resp. Não, o ouvido já purgou, mas não tem problema não.

Dor de cabeça?

Resp. Sim, às vezes quando incha a testa.

Já desmaio alguma vez?

Resp. Não

Quando?

Resp. XXXXXXXX

Como foi?

Resp. XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Teve ou tem convulsões?

Resp. Não

Há alguém da família que apresenta problemas de desmaios, convulsões, ataques?

Resp. A mãe e a Avó

Observações: A mãe tem coágulo na cabeça e veia entupida. Quando criança, os médicos deixaram para operar mais velho, até hoje não operou, sente falta de ar e a avó desmaia.

5.2 Alimentação

A criança foi amamentada?

Resp.Sim

Até quando?

Resp, De seis a oito meses.

Como é sua alimentação?

Resp.Boa

É forçada a se alimentar?

Resp. De vez em quando não gosta de carne e verdura, jiló, cenoura e beterraba.

Come sem derrubar comida?

Resp.Come

Recebe ajuda na alimentação?

Resp.Não

5.3 Sono

A criança dorme bem?

Resp.Sim, 9 horas (ele meche muito)

Como é seu sono (agitado, tranqüilo)?

Resp. Tranqüilo

Fala dormindo?

Resp.Não, só ri.

É sonâmbulo?

Resp. Não

Range os dentes?

Resp.Não

Dorme em quarto separado dos pais?

Resp.Junto com a mãe.

Com quem dorme?

Resp.M. irmã.

A criança acorda e vai para a cama dos pais?

Resp. Não

5.4. Desenvolvimento psicomotor

Como era quando bebê?

Resp. Agitado, não parava quieto e chorão.

Em que idade:

- Firmou a cabeça?
- Resp. Dois meses
- Sentou sem apoio?
- Resp.Quatro meses
- Engatinhou?
- Resp.Cinco meses
- Ficou de pé?
- Resp. Sete meses
- Andou?
- Resp.Oito meses

Teve controle dos esfíncteres:

- Anal diurno: um ano
- Anal noturno: um ano
- Vesical diurno: um ano
- Vesical noturno: dois anos

Como foi ensinado esse controle?

Resp.Ensinando, mostrando como fazia.

É lento para realizar alguma tarefa?

Resp. É de vagar se apavorar ele chora.

Veste-se sozinho?

Resp.Sim

Toma banho sozinho?

Resp.Sim, toma.

Calça-se sozinho?

Resp.Sim

Sabe dar nós nos sapatos?

Resp.Sim, mais ou menos mais sabe.

É distraído?

Resp.Não, a irmã é mais ele não.

Anda de bicicleta?

Resp.Sim

Desde quando?

Resp.Quatro anos

Pratica esportes?

Resp.Não

Quais?

Resp.XXXXX

É destro ou canhoto?

Resp.Destro

Foi exigido que usasse uma das mãos para escrever ou comer?

Resp.Não

Em casa quem escreve com a mão direita?

Resp. Todos

E com a esquerda?

Resp.Nenhuma

Rói unhas?

Resp.Não

.Chupa dedos?

Resp.A irmã chupava quando pequena.

Tem outra mania ou tic? Qual?

Resp.Não

Precisa de ajuda para fazer alguma coisa?

Resp.Só tarefa de escola.

6. Escolaridade

A criança gosta de ir à escola?

Resp.Gosta

É bem aceita pelos amigos da escola ou é isolada?

Resp. É bem aceito.

Já repetiu a série alguma vez?

Resp. Não

Por quê?

Resp.XXXXX

Gosta de estudar?

Resp.Sim

Tem o hábito de leitura?

Resp.Não

Faz lições que os professores passam?

Resp.Faz com preguiça, avó brigando demais.

Os pais estudam com a criança?

Resp. Mãe não, mas eu (avó) estudo.

Mudou muitas vezes de escola?

Resp. Não

Resp.Por quê? XXXXXX

Vai bem em matemática?

Resp.Sim

Tem dificuldades em leitura e escrita?

Resp.Sim

Em que circunstâncias?

Resp.Na sala, que meche com outros alunos não quer fazer a tarefas.

7. Linguagem

Quando usou as primeiras palavras com significado?

Rresp.Oito meses

Gagueja? Não

Resp.Troca letras quando fala? Não

Relata fatos vivenciados?

Resp.Sim, é fofqueiro e muito, conta tudo.

Em alguma época notou alguma alteração na comunicação?

Resp. Não

Qual?

Resp. XXXXX

Descreva a comunicação atual:

Resp.Gosta muito de conversar, conta casos, ele é comunicativo com a avó.

8. Sexualidade

Foi feita alguma educação sexual?

Resp. Sim

Quem fez?

Resp. Não sei

Como foi?

Resp. Acha que TV, colega.

Tem curiosidade sexual?

Resp.Já sim, avó pegou ele no banheiro ,com a coleguinha ,com as calças decidadas.

Observações: A avó por necessidade está trabalhando pelo meio ambiente como recicladora de lixo.

9. Aspectos ambientais

Prefere brincar sozinha ou com amigos?

Resp.Com os amigos

Prefere brincar com as crianças maiores ou menores que ela? Maiores e menores que ele.

Faz amigos com facilidade?

Resp.Faz

Adapta-se facilmente ao meio?

Resp. Sim

Como é o relacionamento da criança com os pais?

Resp.Bom, com o pai não é bom. É revoltado com o pai que é alcoólatra, fala que não tem pais, que o pai e a mãe dele é a avó.

E com os irmãos?

Resp.Briga muito, são amigos.

Quais as medidas disciplinares normalmente usadas com as crianças?

Resp.Castigo e surra

Quem as usa?

Resp.A avó dá castigo e a mãe bate.

Quais as reações da criança frente a essas medidas?

Resp. Emburrado, fecha a cara, fica sentido.

Observações: Vive com a avó, sem o pai.

10. Características pessoais e afetivo-emocionais

Como a criança é sob o ponto de vista emocional?

Resp. Nervoso, agitado, escandaloso, fica sentido e chora de dentro da alma.

Quais suas características mais destacadas?

Resposta. Agressividade, dependência, excitação e irrequietação.

Como reage quando contraiada?

Resp. Fica nervoso e agressivo.

Atividades preferidas:

Resp. Brincar

11. Atividades diárias da criança

Descreve o dia-a-dia desde quando acorda até à hora de dormir:

Resp. Ele levanta de manhã escova os dentes, lava o rosto, penteia o cabelo, troca de roupa e vem para a escola. Vai para a casa almoçar, faz o quilo e vem pra cá ,pro colégio, faz os deveres quando sai daqui, toma o banho e depois janta ,assiste o pica-pau e vai dormir.

Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Resp. Não

Observações: O que acho que está atrapalhando os estudos dele é o uso de drogas da mãe, usa craque, porque ele fica chateado, ele pergunta se ela não vai largar das drogas, ele fala assim: "Vó interna minha mãe", eu falo pra ele que sem ela querer não tem como, isto está preocupando eu e vocês, pois ela esta sem juízo, quando esta Sem droga ela fica nervosa e reflete nas crianças.

ANEXO 2

ENTREVISTA COM O CLIENTE

(A entrevista com a criança ou adolescente deve acontecer informalmente.)

- Verificar se a criança tem informações básicas de seu cotidiano.
 - Idade/ dia do aniversário.
 - Sexo/Série escolar.
 - Dados familiares.
- Por que veio para o atendimento?
- Em casa:
 - O que mais gosta de fazer?
 - O que menos gosta de fazer?
 - Que horário faz as tarefas? Quem ajuda? Como ajuda?
 - Recebe os colegas de casa?
- O que a família gosta de fazer
 - Pai/ mãe/ irmãos
- Faz passeios em família? Onde costuma ir? Como são os finais de semana em família?
- Na escola.
 - Quem são seus amigos?
 - O que mais gosta de fazer?
 - O que menos gosta de fazer?
 - O que é fácil fazer? (Por quê?) O que é difícil fazer? (Por quê?)
- Quais as brincadeiras preferidas? (Na escola/ em casa).
- Gosta de ler? O que? Gosta de ouvir histórias? T.V? (Que programas?)
- Gosta de musica? Esporte preferido.
- Tem medo de algo?
- A quem pede ajuda quando precisa?

J nasceu em sete de agosto e não sabe o ano. Estuda em uma escola municipal, no 2º ano.

Filho de M e de W. (teve dificuldades em compreender os nomes dos pais, pois falava muito rápido), não tem irmãos, só uma irmã que tem 10 anos e “não sabe a série” que estuda. Depois perguntei o ano e ele disse 3º ano, “não sabe o endereço, mas diz que mora na escola”.

- Não tenho telefone, diz e complementa: minha vó que tem, só que o telefone tá com a minha mãe. Acha que veio para este atendimento para aprender a ler.

Quando perguntei o que ele não gostava de fazer, ele entrelaçou os cabelos com as mãos e disse “ficar quieto”; e eu perguntei: você não gosta de fazer nada? E ele respondeu: “brincar de carrinho”. Não gosta de colocar água no filtro, faz tarefas de escola à noite. Ajudado pela avó, ela vai explicando e vou escrevendo. Não recebe colegas em casa. e diz que nos sábados, feriados e domingos “ele e a irmã brinca de escolinha”. A família gosta de ir para o “corgo” tomar banho, vai eu, minha irmã, minha vó, e minha mãe; meu pai foi pra Bahia.

Final de semana junto com a família faz churrasco, vai à loja.

Na escola são meus amigos, o Lucas e o Eduardo, gosto do ABC, hora da oração e menos gosta de ir embora, porque gosta da professora da tarde. “Acho fácil o recreio porque só é brincar. O mais difícil na escola é de ficar conversando, pois não gosta de conversar.

A brincadeira que mais gosta na escola é Caranguejo (música de roda), em casa é picou-picolé. Gosta de ler, “só que não sei, só fico vendo as letras”. Gosto de ouvir história gosto de assistir o pica-pau, gosto das músicas de Luciano e Camargo (Zezé de Camargo e Luciano). Não gosto de esporte. Tenho medo só de cobra. Quando preciso de ajuda peço à minha vó.

ANEXO 3
PROVA DIAGNÓSTICA OPERATÓRIA

Aprendente: J

SESSÃO: Provas Operatórias - 1

1.1-CLASSIFICAÇÃO: Mudança de critério (Dicotomia)

- O que você está vendo?

Resp. Estou vendo quadro e bola, quadrado grande e quadrado pequeno, bola grande e bola pequena.

-Classificação espontânea

Reúnam em grupos todas estas fichas que possa formar grupos iguais: reuniu em quatro grupos pequenos e grandes juntos, separou por tamanho assim que deixei manusear as fichas, sem receber orientação alguma.

Como você pensou em organizar desse jeito?

Resp. Depois separou em ordem de cores e tamanhos, disse que fez dessa forma por ficar bonito e tinha que ser tamanho com tamanho e cor com cor.

-Dicotomia

Agora faça dois grupos usando todas as fichas: colocou círculo grande com quadrado pequeno e círculo pequeno com quadrado grande, dizendo que bola tem que ficar com quadrado e quadrado tem que ficar com bola.

Apontando ao primeiro grupo questionar:

Como você pensou para organizar deste jeito?

Resp. Pensou que ia ficar bom

Agora, apontando para outro grupo questionar:

Como você pensou para organizar desse jeito?

Resp. Apontou dizendo que o quadrado grande era menor e os círculos pequenos eram maiores.

Como poderia chamar este grupo?

Resp. O esquerdo dele quadrado grande com círculo pequeno chamaria de quadrado.

E, este outro grupo como poderia chamar?

Resp. E o direito dele círculo grande com quadrado pequeno chamaria Bola.

-Primeira Mudança de Critério:

Faça agora dois montes de outro jeito (se fizer o mesmo modo anterior, questionar que já fez, solicitando que pense em outro critério): fez de forma em que ficasse à esquerda quadrado, e a direita círculo.

Como você pensou para organizar desse jeito?

Resp. Porque bola combina com bola e quadrado combina com quadrado.

Como poderia chamar este grupo?

Resp. O seu grupo esquerdo chama quadrado.

E este outro grupo como poderia chamar?

Resp. Seu grupo direito chama bola.

-Segunda Mudança de Critério

Pode agora fazer dois montes de novo de outro jeito (se fizer do mesmo modo de uma das anteriores, questionar que já fez, solicitando que pense em outro critério): colocou da mesma forma do primeiro, e do 2º depois colocou vermelho com vermelho, azul com azul.

Como você pensou para organizar deste jeito?

Resp. Quando fui orientado pela professora se ficava bem pintar uma unha de vermelho e a outra azul ou todas vermelho.

Como poderia chamar esse grupo?

Resp. A esquerda de quadrado e bola sendo que era vermelho e branco.

E, este outro grupo como poderia chamar?

Resp. A direita dele de quadrado, mas na verdade era azul e branco.

AVALIAÇÃO: Na classificação espontânea nível 1.

Aprendente: J

SESSÃO: Provas Operatórias – 2

1.2 CLASSIFICAÇÃO: Intersecção de Classes

Solicitar que reconheça o material, nomeie-o e dê as características: Tem mais fichas azuis, menos vermelho, são diferentes em formas, existe mais círculos que quadrados.

Por que você acha que colocamos estas fichas aqui no meio?

Resp. Não sabe, acha que é para não ficar juntas.

Existem aqui mais fichas quadradas ou fichas redondas, ou um número igual de fichas?

Resp. Existe mais fichas redondas que quadradas.

Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas quadradas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me:

Resp. Tem a mesma quantidade, porque eu contei (contou 5 e 5).

Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas redondas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me:

Resp. Tem mais redondas que quadradas, porque contei (Ele fez a contagem de cinco quadrados e 10 círculos)

Avaliação: Nível 1

Aprendente: J.

SESSÃO: Provas Operatórias – 3

1.3-CLASSIFICAÇÃO: Inclusão de Classes

Solicitar que reconheça as flores e nomeie-as:

Resp. A rosa vermelha ele disse “flor” e, outras, ele disse “girassol branco” Perguntei se já viu girassol branco, afirmou que sim, na casa da mãe dele.

Margaridas são flores?

Resp. É flor também, porque é igual flor.

Você conhece outras flores? Quais?

Resp. Sim só o girassol e o copo de leite, o girassol é parecido com margarida e copo de leite ele sabia desenhar, pedi para que desenhasse.

Neste ramo, há mais margarida ou mais flores? Como você sabe?

Resp. Quando eu perguntei, pedi para que repetisse e ele repetiu (se tem mais flor ou margarida), contou e respondeu, tem mais margarida, manuseou bastante, brincou, balançou, mordeu no caule e depois disse: “minha vó chama isso de rosa vermelha”.

Se a criança errar a pergunta, se ela entendeu a pergunta e pedir a ela que repita o que lhe foi perguntado.

Vamos imaginar que existem duas crianças que querem fazer ramos. Uma faz um ramo com margaridas e a outra faz um ramo com as flores. Qual ramo tem mais flores?

Resp. Se eu te der as margaridas, o que sobra no meu ramo?

Sobraram as rosas (entreguei a ele, e ele ficou inquieto com o ramo na mão, fazia de espanador e mordida o caule.

Se eu te der as flores, o que sobra no meu ramo?

Resp. Sobra as margaridas. Com as rosas na mão, abria e fechava os galhos no ar, olhava, deixava cair, tentando tirar espinhos, tentou equilibrar ao contrario.

Eu vou fazer um ramo com todas as margaridas e você vai fazer um ramo com todas as flores. Quem terá o ramo maior? Como você sabe?

Resp. Ele disse a senhora, porque tem mais margaridas que rosa, porque aqui só tem três rosas e ai tem 10 margaridas.

Avaliação: Nível 3

Aprendente: J.

SESSÃO: Provas Operatórias – 4

2.1- CONSERVAÇÃO: Pequenos Conjuntos Discretos de Elementos

1- Correspondência em fileira:

O que você está vendo? (nomear e caracterizar)

Resp. Estou vendo círculos, no primeiro momento coloquei 7 e ele colocou 9, repeti a pergunta e ele observou que tinha sobrado e ele refez contando as minhas e as dele e colocando uma do lado da outra.

Solicitar que a criança escolha a cor branca ou azul.

Dispor as fichas da outra cor que sobrou em fileiras e propor que o aprendente faça o mesmo na equivalência um a um.

Perguntar se há o mesmo tanto em cada fileira. Como você sabe?

Resp. Disse que sim, porque “o da senhora sobrou 1 e o meu sobrou 1.”

Espaçar mais fichas e perguntar ao aprendente:

E agora, aonde há mais fichas? Como você sabe?

Resp. Ao espaçar as fichas ele foi logo, organizando as azuis e contou as brancas e as azuis e disse tem o mesmo tanto, nove e nove.

Se a resposta é de conservador o experimentador chama a atenção sobre a configuração pessoal espacial. “Mas, olha esta linha é mais comprida. Não parece que a maior tem mais que esta outra?”

Resp. Quando perguntei ele contou e colocou lado a lado e disse porque não organizei direito.

Se a resposta é de não a conservação, o experimentador recorda à equivalência inicial, e diz: um outro menino me disse que havia a mesma quantidade de fichas brancas e azuis. O que você acha disso?

Agora o experimentador junta suas fichas e pergunta sobre a quantidade de fichas, assegurando a equivalência. Pede-se que o aprendente justifique suas respostas.

Resp. Ao agrupar as fichas ele também percebeu e agrupou, em seguida contou e disse que tem a mesma quantidade.

Em seguida, o experimentador esconde suas fichas e pede que o aprendente conte suas fichas sobre a mesa, depois lhe pergunta: Pode me dizer quantas fichas tenho aqui na minha mão? Como você sabe?

Resp. Logo percebeu olhou e contou, disse “eu tenho mais, e contando, disse que eu tinha 2 em minha mão, (estava correto).

2- Correspondência em círculo:

Reúne-se as 10 fichas de cada cor e o experimentador dispõe 7 ou 8 em círculo e procede da mesma maneira anterior, sendo que a criança dispõe suas fichas em uma coleção igual. Uma vez constituídas as duas coleções o experimentador faz uma pilha com suas fichas e faz as mesmas perguntas da primeira etapa.

Comentários do aprendente:

Percebi o erro porque o meu tinha sobra dois e o da senhora três, ai tirei mais uma, ficou igual e contei, deu 7 a 7 dispostos em círculos.

Aprendente: J.

SESSÃO: Provas Operatórias – 6

2.3-CONSERVAÇÃO: Quantidade de Matéria

Apresentar duas bolas de massa de modelar de cores diferentes.

Perguntar se têm a mesma quantidade de massa numa e noutra. Caso disser que não, pedir que iguale as duas bolas para que tenham a mesma quantidade.

1º Transformação:

Transformar-se uma das bolas em salsicha

1. E agora há o mesmo tanto de massa na bola de na salsicha? Algum tem mais ou tem menos? Como você sabe?

Resp. Ele respondeu que a salsicha é mais grande.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas, a salsicha é comprida, não acha que por isso há mais massa da salsicha do que na bola. Como você sabe?

Resp. Porque é mais grande.

outra criança me disse que na salsicha há mais massa que na bola. O que você acha disso?

Resp. A resposta do menino está certa.

Em caso de não-conservação, lembrar a igualdade da quantidade inicial:

Você lembra como foram feitas as bolas antes? E, vimos que a salsicha é fininha e a bola grossa, então não há mais massa aqui na bola que na salsicha? Como você pode explicar?

Resp. Ele afirma que a salsicha é maior.

Retorno empírico:

Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com esta salsicha, terá ou não a mesma quantidade de massa?”

Resp. Ele disse que sim.

Faz-se novamente duas bolas certificando que têm a mesma quantidade.

2ª Transformação

Transforma-se uma das bolas em bolacha

1. E, agora há o mesmo tanto de massa na bola e na bolacha? Algum tem mais ou menos? Como você sabe?

Resp. Na bola tem mais massa, porque a bola é mais grande.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar;

Mas, a bolacha é maior, não acha que por isso há mais massa na bolacha do que na bola. Como você sabe?

Resp. XXX

Em caso de não-conservação, lembra a igualdade de quantidade inicial:

Você lembra como foram feitas as bolas antes? E, vimos que a bolacha é maior e a bola é mais grossa, então não há mais massa aqui na bola que na bolacha? Como você pode explicar?

Resp. Não conserva a quantidade.

Retorno empírico:

Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com esta bolacha, terá ou não a mesma quantidade de massa?”

Resp. Ele afirma que uma das bolas é maior.

Faz-se novamente duas bolas certificando que têm a mesma quantidade.

3ª Transformação

Transforma-se uma das bolas em pequenos pedacinhos (5 a 8)

1- E, agora há o mesmo tanto de massa na bola e nestes pedacinhos? Alguma tem mais ou tem menos? Como você sabe?

Resp. Onde tem um montão de bolinhas.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar. Mas, tem muitos pedacinhos, não acha que por isso há mais massa nestes pedacinhos do que na bola. Como você sabe?

Resp. XXX

Outra criança me disse que na salsicha há mais massa que na bola. O que você acha disso?

Resp. Acha que a salsicha tem mais massa.

Você se lembra como foram feitas as bolas antes? E vimos que em pedacinhos tem mais, então não há mais massa aqui nestes pedacinhos que na bola? Como você sabe?

Resp. Acha que os dois pedacinhos são menores que a salsicha, porque são pequenininhos.

Retorno empírico: Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com estes pedacinhos, terá ou não a mesma quantidade de massa?”

Resp. As duas massas têm a mesma quantidade de massinha.

Faz-se novamente duas bolas certificando-se que têm a mesma quantidade.

Avaliação: Nível 1. Ele tem a não-conservação de matéria.

Aprendente: J.

SESSÃO: Provas Operatórias -10

2.7-CONSERVAÇÃO: Quantidade de Líquido – Composição

Comprovar as diferentes dimensões dos corpos e colocar líquido no copo A1 até a metade, aproximadamente.

Pedir que coloque uma quantidade de líquido igual no copo (E).

Caso coloque o mesmo tanto, contra-argumentar: Olhe este copo (E), é muito mais fininho e estreito que o outro, parece então, que há mesma quantidade para beber?

Não há mais neste copo que nesse outro? Como você sabe?

Resp. Parece que os dois têm a mesma quantidade. Afirma que o gordinho tem mais, porque é mais gordo.

Se não efetuar a correção de elevar a água proporcionalmente no copo (E), o experimentador efetua esta ação pedindo que faça o certo: níveis iguais ou nível mais elevado (E).

Se a solução consiste num rebaixamento do nível do copo (E), o experimentador chama a atenção sobre a diferença do nível.

Mas, você colocou mais água aqui (E), pois está mais alto, não te parece então que terá mais em (A1)? Explique:

Resp. Ele afirmou que no copo largo tem mais quantidade por ser mais gordo e sugeriu que teria que ser em dois copos iguais.

Avaliação: Nível 2

Aprendente: J.

SESSÃO: Provas Operatórias – 11

3.1 SERIAÇÃO: Palitos

1ª Parte: Seriação descoberta

Apresentar os palitos em desordem. Reconhecer o material.

Pedi que organize os palitos do menor para o maior. Observar como elege cada um, ordem de combinação. Com você pensou para fazer?

Resp. Eu vi num caderno veio, a tia (professora) deu uma prova dessa. Lembrou do que tinha visto em sala.

2ª Parte: Verificação da inclusão

Entregar o palito marcado para que inclua na série.

Resp. Ao receber o palito marcado colocou-o na sua ordem correta e me respondeu que este é aqui porque é maior.

3ª Parte: Seriação oculta atrás de um anteparo

Apresentar novamente os palitos em desordem (retirar o palito marcado) e colocar um anteparo entre a criança e o experimentador. Pedir que vá montando uma escala do menor para o maior à medida que for recebendo os palitos. Como você pensou para fazer?

Resp. Lembrei daquela primeira vez que fiz. Entreguei o palito retirado, pegou olhou e colocou no lugar certo.

Avaliação: Nível 3

ANEXO 4
Provas Projetivas Psicopedagógicas
EU E MEUS COMPANHEIROS

FAMÍLIA EDUCATIVA

1- *Área Gráfica*

a) Personagens que aparecem: () Pai (X) Mãe (X) Irmãos (X) Avós (X) Outros.

Quem?

Resp.Tio

2- *Atividades*

a) Todos fazem algo?

b) Resp.Sim

c) Existem trocas?

d) Resp. Sim

e) Alguém ensina alguém?Resp.

f) Sim

g) Quem ensina?

h) Resp. Minha vó

i) Quem aprende?

j) Resp.Eu

k) Como é transmitido esse conhecimento?

l) Resp.Escrevendo no papel manda ele lê

3- *Tamanho dos Personagens*

() Personagens com tamanho compatíveis com a idade

(X) Personagem com maior idade e tamanho menor que os outros

(X) Se desenha no grupo com tamanho compatível com sua idade

() Se desenha bem menor que os demais personagens

() Se desenha maior que os demais personagens

4- *Área Verbal (relato) e Escrita*

Demonstra conhecimento das atividades realizadas (X) Sim () Não

Relata de forma coerente e com coesão (X) Sim () Não

PAR EDUCATIVO

1- *Área gráfica*

a) Presença dos três elementos:

1 () Objeto de conhecimento

2 (X) Ensinante

3 (X) Aprendiz

b) Ausência de um dos três elementos:

(X) Objetivo do conhecimento

2- *Tipos de cena*

() Familiar

() Extra-Familiar (Social)

(X) Escolar – (X) Produtiva

(X) Improdutiva

() Punitiva

3- Posição dos personagens entre si:

() Frente a frente

(X) Lado a lado

() De costas

4- *Distância dos Personagens entre si em relação ao objeto de conhecimento:*

(X) Professor longe do aluno

() Professor e aluno próximos entre si

4-1- *Quanto ao objetivo de conhecimento:*

() Professor e aluno longe do objetivo de conhecimento;

() Professor e aluno perto do objetivo de conhecimento;

(X) Professor perto do objetivo de conhecimento e aluno longe;

() Professor longe do objetivo de conhecimento e aluno próximo.

5- *Tamanho dos Personagens:*

() Professor de tamanho coerente com idade;

() Professor menor que o aluno e idade superior a do aluno;

(X) Ambos (professor e aluno), tamanho compatível com as idades.

6- Quanto à *Figura Humana*:

() Figura do professor completa;

() Figura do aluno completa;

- Qual figura se apresenta incompleta: Os dois representados só pela cabeça.

7- *Área Verbal – Escrita*:

- Coerência do título e texto com desenho? Sim
- Estruturas dom pensamento compatíveis com idade? Sim
- Estrutura do texto (coerência, coesão, pontuação, etc);
- Ortografia.

ANEXO 5
Provas Pedagógicas
 LÍNGUA PORTUGUESA
 DITADO

Realização da Prova

Realizar a prova com textos acessíveis ao nível escolar da criança, ditando pausadamente. Depois, pontuar os erros seguindo a ficha abaixo.

FICHAS DAS OBSERVAÇÕES SOBRE O DITADO			
Nome do Aluno: _____			
Idade: _____		Classe: _____	
Data: _____			
1. Características da escrita			
1.1 Escrita incompreensível e	() Sim	() Não	
1.2 Velocidade na escrita	() Média	() Muito	() Muito
1.3 Má orientação espacial no	(X) Sim	() Não	
1.4 Escrita em espelho	() Sim		
1.5 Pressão do lápis no papel	(X) Muito forte, com tônus muscular aumentado	() Muito fraca, com tônus muscular rebaixado	() Média
2.1 Falta de sinais de pontuação e acentuação de	(X) Sim	() Não	
2.2 Troca de letras ou sílabas	(X) Sim	() Não	
2.3 Inversão de letras	(X) Sim	() Não	
2.4 Omissão de letras ou sílabas	(X) Sim	() Não	
2.5 Aglutinação	() Sim	() Não	
2.6 Repetição de palavras ou sílabas	() Sim	(X) Não	
2.7 Substituição de palavras por outras	(X) Sim	() Não	
2.8 Acréscimo de letras e sílabas	() Sim	() Não	
2.9 Confusão de letras de formas parecidas	() Sim	() Não	

LEITURA SILENCIOSA

Na leitura silenciosa:

NA LEITURA SILENCIOSA	SIM	NÃO	ÀS VEZES
Perde a linha durante a leitura?	X		
Repete frase		X	
Demonstra lentidão ao ler?	X		
Sua leitura é acompanhada de dispersão?	X		

Na leitura oral:

<u>NA LEITURA ORAL</u>	SIM	NÃO	ÀS VEZES
É possível perceber a vinculação do sujeito com o objeto de conhecimento?		X	
Identifica o que pode ser lido?		X	
Diferencia letras e números?	X		
Identifica todas as letras do Alfabeto?			X
Apresenta uma leitura convencional?		X	
Quais tipos de letras consegue ler?			
Tenta decodificar?	X		
Faz relação fonema x grafema (consciência fonológica)		X	
Sua oralidade condiz com o que está escrito?		X	
Faz troca de letras? (bola – bolo)	X		
Comete reversões? (b – d / p – q / bebo – dedo)		X	
Apresenta inversões? (u – n / p – b)	X		
Troca consoantes surdas por sonoras? (F-V / P-B/ Ch-J / T-D / S-z / C-G).	X		
Lê omitindo e/ou incluindo frases, palavras silabas, letras?	X		

Perde a linha durante a leitura?	X		
Repete frases?	X		
Demonstra fluência ao ler?		X	
Sua leitura é acompanhada de dispersão?	X		
Apresenta entonação?	X		
Respeita pontuação?		X	
É necessária uma avaliação fonoaudiológica?		X	

Na compreensão da leitura

<u>NA COMPREENSÃO DA LEITURA</u>	SIM	NÃO	ÁS VEZES
Aprendeu o sentido global do que foi lido?	X		
Compreendeu o vocabulário presente no texto?			X
É capaz de sintetizar o texto lido? (Ex. desafiar o paciente a dizer em uma frase apenas, de que se trata o texto lido)			X
Captou a seqüência temporal?		X	
Consegue estabelecer hierarquias, separando fatos principais e secundários?		X	
Estabelece relações de causalidade?		X	
Percebe a função social da leitura?		X	

Observações:

OBSERVAÇÕES NA LINGUAGEM ORAL

<u>LINGUAGEM ORAL</u>	SIM	NÃO	ÁS VEZES
Utiliza a linguagem oral para comunicar e expressar desejos, necessidades, opiniões, idéias, preferências e sentimentos?	X		
Relata suas vivências nas diversas situações de interação presente no cotidiano?	X		
Elabora perguntas e respostas coerentes com a temática do momento?			X
Elaboração da fala é compreensível?			X
Apresenta linearidade/coerência naquilo que está falando?			X
Narra fatos obedecendo seqüência temporal e causal?			X
Apresenta um vocabulário rico ou restrito?		X	
Apresenta tartamudez? (gagueira)		X	
Qual é a entonação da voz?	Boa		
Como é a velocidade de sua fala?			X
Já instaurou todos os sons na fala?		X	
Apresenta trocas na fala?		X	
Apresenta omissões na fala?		X	
É necessária uma avaliação fonoaudiológica?		X	

Observações:

OBSERVAÇÕES NA ESCRITA

NA ESCRITA	CONSIDERAÇÕES
É possível perceber a vinculação do	Com pouca clareza

sujeito com o objeto de conhecimento?	
Como é sua aproximação com o material de escrita?	Tem muita dificuldade de escrita
Percepção da função social da escrita.	Não percebe
Diferenciação entre letras e números.	Esta bem clara essa definição
Identificação das letras do alfabeto.	Não conhece todas as letras
Relação fonema x grafema.	Não tem conhecimento
Espontaneidade na solicitação da escrita.	Não apresenta espontaneidade na escrita
Noção da direção convencional da escrita.	Muito pouco no conhecimento
Aspecto caligráfico.	Letras grandes e acaligráficas
Identificação do nível de escrita em que se encontra.	Silábicos com as sílabas simples
Confusão de letras (bola – bolo).	Às vezes apresenta.
Reversões (b – d/ p – q/ bebo – dedo).	Escreve faltando em trocando letras
Inversões (u – n/ p – b).	Idem
Trocas de consoantes surdas por sonoras (F-V/ P-B/ CH-J/ T-D/ S-Z/ C-G).	Não arrisca a escrever o desconhecido
Escrita com omissão e/ou inclusão de frases, palavras, sílabas, letras.	Omite muito as letras, frase não escreve.
Sua hipótese de escrita é coerente com seu relato?	Não.
Postura corporal.	Boa.
Modo de segurar o lápis.	Normal como os demais.
Onde se concentra os pontos de tensão e relaxamento durante a escrita.	Coloca os pés na cadeira apóia sobre a mesa.
Concentração e atenção.	
Noção de realidade e fantasia.	
Fluência e criatividade.	
Temática.	
Estrutura convencional do texto.	

Estrutura lógica do texto: começo, meio e fim.	Não possui.
Causalidade entre os fatos.	
Estrutura espaço-temporal.	Não obedece.
Aspecto ortográfico.	Escrita forte e grande ,legível.
Utilização de pontuação.	

Observações:

AVALIAÇÃO DA VERBALIZAÇÃO

Observar se na linguagem espontânea a criança:

1. Até-m-se a detalhes	Sim ()	Não (X)
2. Possui um bom vocabulário	Sim ()	Não (X)
3. Expressa seu pensamento em seqüência,com estruturação das frases (seqüência lógica)	Sim ()	Não ()
4. Realiza troca de letras	Sim (X)	Não ()
5. Apresenta muita inibição ao falar.	Sim (X)	Não ()
6. Possui facilidade de comunicação	Sim ()	Não (X)
7. Fala em um tom muito baixo	Sim (X)	Não ()
8. Possui segurança a expressar suas idéias	Sim (X)	Não ()
9. Obedece à pontuação e ao ritmo das palavras	Sim (X)	Não ()
10.Expressa-se de maneira confusa	Sim ()	Não (X)
11.Conta histórias com começo, meio e fim (com orientação temporal)	Sim (X)	Não ()
12.Fala num ritmo muito rápido, muito lento ou muito modulado	Sim (X)	Não ()
13.Responde ao que foi perguntado com poucas palavras, contando muitas historias, ou responde de maneira incorreta.	Sim (X)	Não ()

Observações:

PROVAS PEDAGÓGICAS MATEMÁTICA
FICHAS SOBRE AS OBSERVAÇÕES SOBRE A PROVA DE MATEMÁTICA

Nome: J.

1. Grafismo matemático. Em que operações se deve armar e alinhar as contas, observar se a criança:
 - 1.1 () Obedece às colunas de dezena, centena e milhar
 - 1.2 (X) Obedece á direção espacial da direita para a esquerda (quando vai realizar alguma operação matemática)
 - 1.3 () Inverte os números (números em espelho).

2. Ao ler o enunciado do problema, verificar:
 - 2.1 () Se tem dificuldade em ler e entende o que lê
 - 2.2 (X) Se possui o raciocínio lógico matemático necessário

3. Verificar se tem boa noção espacial e temporal nas seguintes operações:
 - 3.1 (X) Correspondência de termo a termo
 - 3.2 () Determinação do valor posicional do número
 - 3.3 () Noção de espaço nos conjuntos matemáticos
 - 3.4 () Percepção dos comprimentos e das formas
 - 3.5 (X) Geometria
 - 3.6 (X) Aspecto ordinal e cardinal do número (sabe que o número vem antes ou depois do outro)

Outros tipos de erros:

ANEXO 6

Entrevista com a Professora
QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

Identificação: E.P

Nome do aluno: J.

Idade: sete anos Escola: Municipal.

Ano Escolar: 2º

Nome do (a) professor (a): E.P

Data: 07/07/2010

1. O aluno vai bem na escola?
2. Resp.Um pouquinho, depois da aula de reforço.
3. É irrequieto na escola?
4. Resp. Não muito calmo.
Em que circunstância?
Resp.XXXXXXXXXXXXXX
5. Como se comporta em brigas? Agride ou chora?
6. Resp. Chora
Outros:
Resp.XXXXXXXXXXXXXXXXXX
7. Como reage quando contrariado?
8. REsp.Ele chora e não realiza as tarefas.
9. Precisa de ajuda para fazer alguma coisa?
- 10.Resp. Precisa.
Para fazer o quê?
Resp.As atividades escolares.
- 11.Tem dificuldades em organizar os cálculos?
- 12.Resp.Tem.
- 13.Apresenta dificuldades em leitura e escrita?
- 14.Resp. Sim.
Quais?
Resp. Fase silábica tanto na leitura quanto na escrita.
- 15.Como é a sua postura na carteira ao escrever?
- 16.Resp.Normal.

17. Acalca muito o lápis?

18. Resp. Não, é normal.

19. Apresenta alguma dificuldade motora?

20. Resp. Não, só no traçado de algumas letras.

21. Na leitura oral apresenta:

- Leitura silábica:
- Resp. Sim.
- Leitura vacilante:
- Resp. Sim.
- Leitura coerente e expressiva:
- Resp. Não.
- Boa compreensão do texto lido?
- Resp. Não.

22. Como é o aluno sob o ponto de vista emocional?

23. Resp. Carente em todos os sentidos. Ex. Financeiro, afetivo...

24. Em qual destas características a criança se encaixa mais?

- Agressiva ()
- Passiva (X)
- Dependente (X)
- Medrosa (X)
- Retraída ()
- Excitada ()
- Calma (X)
- Desligada (X)
- Sem limites ()

25. Tem alguma outra dificuldade em classe?

26. Resp. Sim

Qual?

Resp. Socialização com os colegas, do mesmo nível escolar dele.

27. Comparada com as outras crianças, parece:

- Mais infantil ()
- Na média (X)
- Mais amadurecido ()

Por quê?

REsp. Age na mesma proporção que os demais.

Outras observações que julgar convenientes:

Resp. Brinca muito, só faz se for pressionado, e com uma letra muito grande, emburra à toa.

ANEXO 7
Observação do Material Escolar
OBSERVAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR

- Qual é o vínculo do sujeito com o seu instrumento de conhecimento? Comente:
Resp. Tem um bom vínculo, só não procura usá-los corretamente
- Há um método de ensino claro? Especifique:
Resp. Sim tradicional, mecânico.
- O conteúdo abordado está associado às construções de estruturas de pensamentos, necessárias no contexto atual? Especifique:
Resp. Não, o conteúdo é mecânico.
- O sujeito apresenta nível de pensamento adequado ao ano escolar/faixa etária?
Resp. Sim
- Demonstra compreender o que é solicitado pela professora?
Resp. Sim , com lentidão
- Qual é o tipo de atividade predominante?
Resp. Atividades variadas
- Todas as atividades são concluídas?
Resp. Não
- Houve progresso no desenvolvimento da escrita da criança?
Resp. Não
- Houve regressões? Pode supor quando e por que ocorreram?
Resp. Não
- Como era a sua escrita no início do processo de aprendizagem e como é agora?
(Do ponto de vista convencional e qualitativo)
Resp. Era a escrita grande e muito acalado e continua o mesmo
- O uso da borracha e/ou corretivo é excessivo?
Resp. Uso da borracha
- Como é a organização? (escreve na linha, pula linhas, invade margens, limpeza, ordem, espaçamento).
Resp. invade as margens e linhas, pula linha, não é organizado, letra muito grande.
- Como é a pressão do tônus muscular?

Resp. Tem uma escrita rígida.

- Analisar o grafismo (letra que utiliza para escrever, tamanho da letra, oscilação, coordenação motora, traçados, escrita espelhada, etc.)

Resp. Às vezes mistura cursiva com a impressa, letra grande com oscilação motor, traçados fortes.

- Observação das questões ortográficas (omissões, acréscimos, reversões, inversões, trocas, relação fonema/grafema, etc.).

Resp. Omissões de algumas letras, dificuldade no traçar de algumas letras.

- Há escritas autônomas no seu material? Quais observações são possíveis fazer?

Resp. Não

- Há cópias? Quais observações são possíveis fazer?

Resp. Sim. Cópia de que.

- Faz auto-correção?

Resp. Não

- Como são as correções da professora nas atividades realizadas pelo aluno?

Resp. São feitas no final das tarefas.

- É possível compreender os critérios da professora?

Resp. Faz correção no final e no local do erro.

- As correções são feitas no local do “erro” ou ao final da atividade?

Resp. No local do erro.

- Assinala mais erros do que acertos?

Resp. Mais erros.

- Escreve bilhetes no caderno? Que tipo? Motivando ou reprimindo?

Resp. Sim, reprimindo.

- As anotações da professora auxiliam a criança?

Resp. Não.

- As correções são pontuais?

Resp. Às vezes.

- É possível perceber uma relação de dependências ou autonomia?

Resp. Só dependência.

Observações:

ANEXO 8

Hora do Jogo

FICHA DE OBSERVAÇÕES DA HORA DO JOGO

Nome: J.

Data: 08/07/2010

1- Fase do inventário:

1.1- Ação do aprendente com a “caixa do jogo” (sim ou não)

Sim	Demonstra curiosidade?
Sim	Tem iniciativa?
Sim	Criatividade, imaginação?
Sim	Demonstra prazer durante o jogo?
Não	Evita jogos, situações que remetem – à situação de aprendizagem escolar?
Sim	Explora o conteúdo da caixa buscando possibilidades de ação?
Sim	Classifica os objetos?
Não	Pega os objetos aleatoriamente sem experimentação?

1.2- Esquema de ações que se repetem:

Quer repetir os jogos é já é conhecido.

1.3- Disponibilidade corporal (postura corporal: Rígida ou flexível?)

Flexível.

2- Organização:

Sim	Consegue fazer argumentações?
Sim	Faz antecipações?
Sim	Faz escolhas?
Não	Utiliza objetos na busca de uma construção de um projeto (história etc.)

3- Interpretação/Antecipação:

Sim	Capacidade de domínio no seu jogar?
Sim	Apresenta bom grau de tolerância frente a situações de frustração?
Sim	Mostra possibilidades de síntese cognitiva (ou seja coordena o objeto a um objetivo?)

4. Modalidade de Aprendizagem que apresenta?

Modalidade de assimilação.

ANEXO 9

Atividades Lúdicas

OBSERVAÇÃO E AVALIAÇÃO DE ATIVIDADES LÚDICAS

Nome: J.

Quanto ao material e a brincadeira:

- 1- Se escolhe material que repetem a situação escolar, sem criatividade.
- 2- Selecionar material figurativo e fazer guerra, fazendas, lojas, etc.
- 3- Buscar tinta, massa plástica, pinos e blocos e tentar criar alguma coisa.
- 4- Escolher material de sucata e transformá-lo imaginando alguma coisa.

Observações: